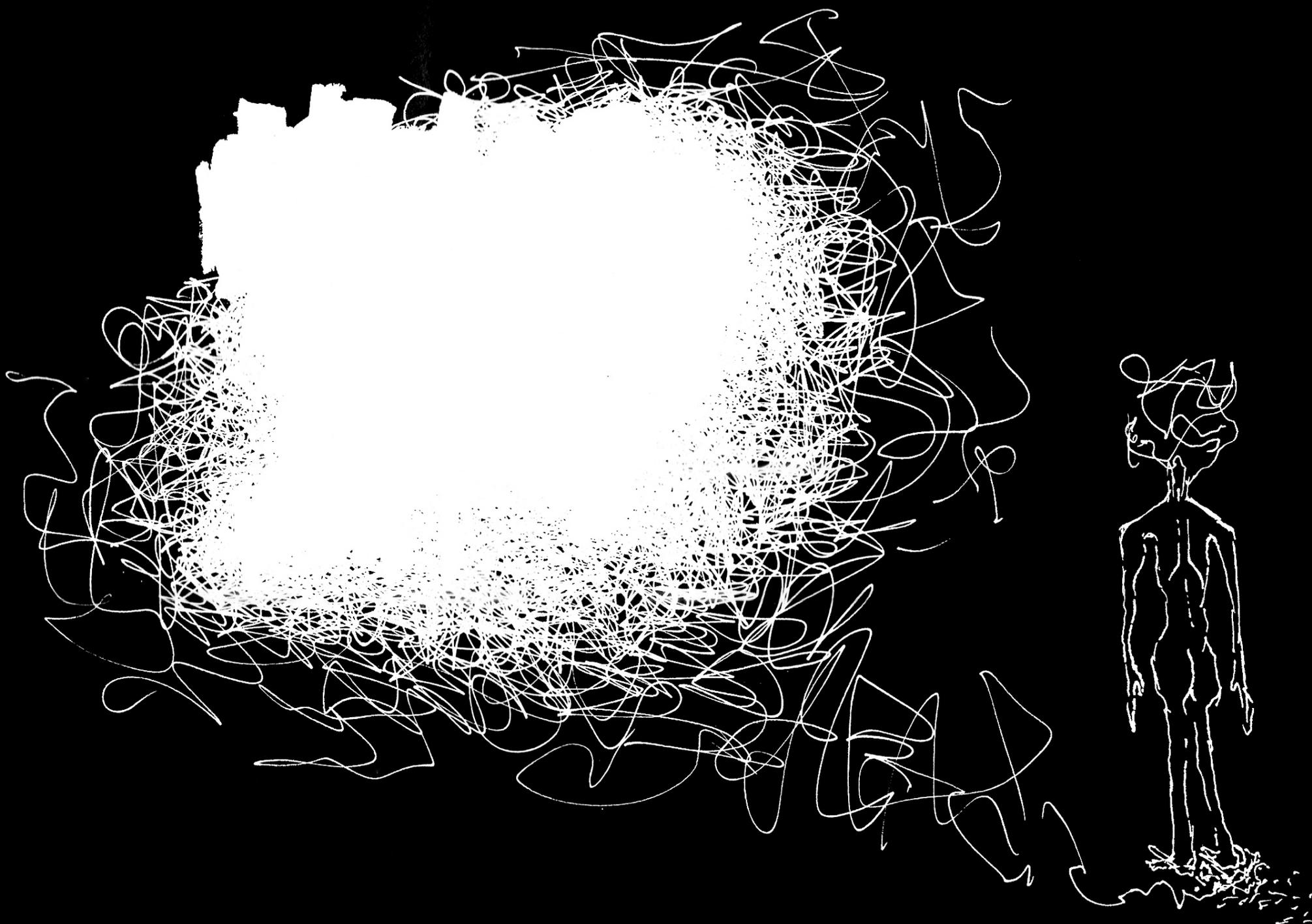


SUPLEMENTO 76 CULTURAL DE SANTA CATARINA

[ô catarina]



Carol Silva

Revistas

Móin-Móin - Lado C
Urdimento - Coyote

Entrevista

Willian Sieverdt fala sobre
"Embaixo da Ponte Tem Teatro"

Inéditos

Poemas de Rubens da Cunha
Conto de Rodrigo Schwarz
Trecho do romance de Miro Morais

Editorial

O Suplemento Cultural de Santa Catarina [ô catarina], nesta edição, busca dar visibilidade a algumas revistas, três delas catarinenses e uma paranaense, que discutem linguagens e estéticas artísticas contemporâneas. São revistas que estão disponíveis na *web* para professores, pesquisadores, leitores e estudantes, com exceção da revista *Coyote*, do Paraná, que pode ser adquirida em livrarias e pelo site da editora Iluminuras. Editores, jornalistas e leitores discutem o papel desses periódicos.

A jovem artista joinvilense, Carol Silva, ilustra conto inédito de Rodrigo Schwarz, poemas de Rubens da Cunha e tradução do poeta francês Guillaume Apollinaire feita por Péricles Prade na seção “Afetividades Eletivas”, que, com nítida referência a Goethe, tem por objetivo, a cada número, convidar poetas para que traduzam poetas de sua predileção.

Miro Morais, que há muito não figura nas páginas de suplementos e cadernos de cultura, ressurge com um trecho do romance inédito *O reino dos esquecidos*, que será publicado este ano, pela editora Insular. O músico Alberto Heller escreve sobre silêncios, ruídos e vazios.

Fizemos, também, a eleição de duas ações que vêm alterando a realidade cultural da cidade, ou seja, das gentes da cidade. O projeto “Contém Cultura”, de Navegantes, liderado pelo poeta Cristiano Moreira e o “Embaixo da Ponte Tem Teatro”, de Rio do Sul, capitaneado pelo diretor teatral Willian Sieverdt, constituem duas iniciativas aparentemente periféricas, porque em certo sentido saem do dito eixo das grandes cidades e merecem reflexão, documentação e aplausos.

Por fim, é preciso dizer que estamos com novo projeto estético e com nova editoria, no entanto, voltamos nossos olhares para o princípio. O primeiro número deste periódico foi lançado nos idos de 1992. Pensando em valorizar o trabalho dos editores, coordenadores e colaboradores que por aqui passaram, a Fundação Catarinense de Cultura decidiu lançar um *website* dando acesso a todas as edições deste suplemento cultural. Apesar de uma atitude simples, entendemos que disponibilizar toda a coleção, num país tão desastrado com sua memória, é um ato de responsabilidade pública e de respeito a todos os gestores e artistas que imprimiram seus nomes nestas páginas e, sobretudo, um ato de respeito aos leitores e pesquisadores.



Todas as edições disponíveis para *download* em:
www.fcc.sc.gov.br/ocatarina

EXPEDIENTE

Governador do Estado de Santa Catarina / João Raimundo Colombo
Vice-governador / Eduardo Pinho Moreira
Secretário de Estado de Turismo, Cultura e Esporte / Beto Martins
Presidente / Joceli de Souza
Diretora de Difusão Artística / Mary Garcia
Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural / Andréa Marques Dal Grande
Diretor Administrativo e Financeiro / Silvio Hencke
Consultor Jurídico / Rodrigo Goeldner Capella
Consultor de Projetos Especiais / Marco Anselmo Vasques
Assistente da Presidência / Mônica Silva Prim
Assessora de Comunicação / Marilene Rodrigues Correia
Gerente Operacional / Saulo da Silva
Gerente de Administração, Finanças e Contabilidade / Aline Monique Bourdot de Souza
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Projetos / Ivan Carlos Schmidt Filho
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Marketing / Soraya Fôes Bianchini
Gerente de Patrimônio Cultural / Halley Filipouski
Gerente de Pesquisa e Tombamento / Elizangela Cristina Oliveira
Gerente das Oficinas de Arte / Hassan Felix de Souza
Administradora do Museu de Arte de Santa Catarina / Lygia Helena Roussenq Neves
Administradora do Museu da Imagem e do Som / Cristiane Pedrini Ugolini
Administradora do Museu Histórico de Santa Catarina / Vanessa Borovsky
Administrador da Casa dos Açores Museu Etnográfico / Vitório Fretta Colossi
Administração do Museu Nacional do Mar / Fundação Catarinense de Cultura
Administradora da Casa de Campo do Governador Hercílio Luz / Marilóide da Silva
Administrador do Teatro Álvaro de Carvalho / Osni Cristóvão
Administradora da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina / Patrícia Karla Firmino
Administradora do Centro Integrado de Cultura / Iara Rosalina da Silva
Administradora da Escolinha de Arte / Alessandra Ghisi Zapelini
Responsável pela Casa da Alfândega / Edilamar Silvano Silveira
Secretária Executiva do Conselho Estadual de Cultura / Marita Balbi

SUPLEMENTO CULTURAL DE SANTA CATARINA - 76 - [Ô CATARINA]
Primeiro trimestre de 2013

Editor / Marco Vasques

Colaboradores desta edição / Alberto Andrés Heller, Carol Silva, Edson Burg, Gilmar A. Moretti, Isabella Sanches, Iur Gomez, Jamile Cardoso, Péricles Prade, Rodrigo Schwarz, Rubens da Cunha, Valmor Níni Beltrame, Vittorio Brausen

Revisoras / Denize Gonzaga e Manuela de Medeiros

Designer Gráfico / Moyses Lavagnoli

Impressão / Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (Ioesc)

Tiragem / 6 mil exemplares

Cartas e colaborações:

Fundação Catarinense de Cultura

Av. Governador Irineu Bornhausen, 5600 – Agronômica – CEP: 88025-202

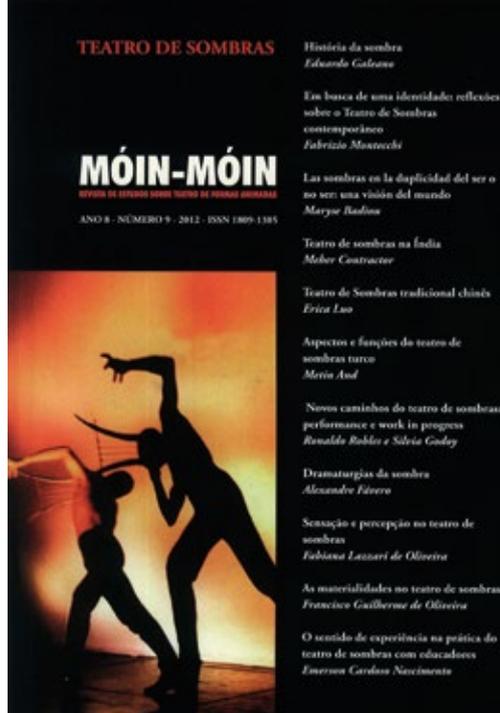
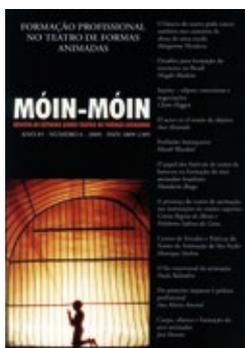
Florianópolis – Santa Catarina

E-mail / suplementocultural@fcc.sc.gov.br

Fone / (48) 3953-2389

Site / www.fcc.sc.gov.br

Textos assinados são de
responsabilidade dos autores.



Móin-Móin

Por Valmor Níni Beltrame e Gilmar A. Moretti

Móin-Móin é a única revista de estudos sobre Teatro de Formas Animadas da América Latina

A *Móin-Móin*, Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas, é uma publicação que integra um conjunto de ações culturais desenvolvidas em parceria com a Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e a Sociedade de Cultura Artística – SCAR, de Jaraguá do Sul. Entre as ações se destacam, além da revista, a realização do Festival de Formas Animadas e do seminário de estudos sobre esse tema. Essa é a única publicação acadêmica dedicada a essa arte na América Latina.

O teatro de formas animadas, ou teatro de animação, é uma manifestação cênica que utiliza bonecos, máscaras, objetos, silhuetas e imagens animadas pelo ator-animador, pelo bonequeiro ou pelo marionetista. Ele pode atuar à vista do público ou oculto por empanada ou tapadeiras. Entre as principais características desse teatro se destacam: a presença da forma animada/boneco, como protagonista da cena; o objeto inanimado simulando vida, vontade, intenção e autonomia por meio de movimentos dados pelo ator-animador; e a transfiguração do boneco/objeto em personagem tornado crível diante do público.

Um dos desafios da *Móin-Móin* é preencher a lacuna na difusão de estudos e reflexões resultantes de pesquisas efetuadas nas universidades ou no interior dos grupos que trabalham com as distintas formas expressivas que compõem esse campo artístico. Ao mesmo tempo, pretende contribuir para a formação de artistas, professores, estudantes e pesquisadores e ampliar a compreensão do público interessado em conhecer mais profundamente essa linguagem.

Hoje, no Brasil, diversos Programas de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Teatro têm apoiado uma quantidade significativa de pesquisas e produzido conhecimentos que necessitam ser compartilhados com quem faz teatro. Ao publicar artigos de diretores teatrais e artistas sem vínculos com universidades, a revista aposta na concepção de que o conhecimento teatral também pode

ser produzido no interior de grupos que sistematizam seus processos de criação e de trabalho. Muitos grupos constituem núcleos agregadores de inúmeras aptidões e saberes viáveis no resultado artístico final, oriundos de anos de experimentação e conhecimentos específicos acumulados na prática artesanal, pela necessidade de “dialogar” com materiais, formas, cores e possibilidades de movimento.

A produção artesanal, a necessidade de também fabricar o personagem com as mãos para depois levá-lo à cena, exige a produção e o domínio de conhecimentos indispensáveis ao exercício da profissão. Ao divulgar estudos universitários e práticas sistematizadas de artistas e grupos de teatro, a revista empenha-se no aprofundamento de relações de trabalho entre os meios acadêmico e artístico.

Até 2012 sua edição era anual, porém a partir deste ano serão duas edições. Uma das suas peculiaridades é ser monotemática: é dedicada ao teatro de animação, mas para cada edição seu conselho editorial decide um novo tema a ser abordado. Essa opção possibilita aprofundar as discussões em torno de um objeto de estudos. A reunião de mais de uma dezena de artigos abordando um mesmo assunto busca, de um lado, cobrir amplamente a temática selecionada e, de outro, reunir diferentes visões. Temas como o trabalho do ator; a tradição e a modernidade; o teatro de bonecos popular brasileiro; o teatro de formas animadas contemporâneo; o teatro e as suas relações com as outras artes; a formação profissional; os cenários da criação no teatro de animação brasileiro; as dramaturgias e o teatro de sombras foram centrais em suas nove edições.

Os artigos são de autores brasileiros e de diversos países — como China, Índia, Turquia, Polônia, Israel, Irlanda, França, Estados Unidos, Portugal, Espanha, Argentina, Costa Rica, Inglaterra, Itália e Uruguai — o que permite confrontar contextos, procedimentos, concepções teóricas e práticas artísticas de realidades muito diferentes.

A internacionalização da revista se deve, certamente, ao envolvimento de autores oriundos de países de diferentes continentes, à publicação dos artigos traduzidos para o português e no idioma em que foi originalmente escrito, à sua presença no acervo dos principais centros de pesquisa em teatro de marionetes da Europa e dos Estados Unidos e também às relações com a Union Internationale de la Marionnette – UNIMA, entidade que agrega marionetistas de oitenta países.

No Brasil, a *Móin-Móin* é distribuída para grupos de teatro que trabalham com a linguagem do teatro de animação, para professores, estudantes, membros da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos - ABTB, além de bibliotecas públicas e universitárias e aos Programas de Pós-Graduação em Teatro e em Artes.

Editar essa revista exige sempre muita dedicação e cuidado, mas ao mesmo tempo é um trabalho prazeroso. Essa responsabilidade é compartilhada, desde o ano passado, com os estudantes bolsistas do Curso de Teatro da UDESC Izabela Quint, Paulo Soares e Nina Medeiros.

A publicação da revista com título *Móin-Móin* é uma homenagem à marionetista Margarethe Schlünzen, que faleceu em agosto de 1978 e, durante as décadas de 1950 e 1960, encantou crianças de Jaraguá do Sul com suas apresentações do Kasperle Teatro de Bonecos. Dona Margarethe era recebida efusivamente nas escolas pelo coro de crianças saudando-a com *Guten Morgen, Guten Morgen* (bom dia, bom dia, em alemão). A expressão tornou o trabalho da marionetista conhecido como “Teatro da Móin-Móin”.

(Valmor Níni Beltrame é professor de teatro de animação do PPGT/UDESC - Mestrado e Doutorado, Florianópolis / SC)
(Gilmar A. Moretti é diretor de teatro e vice-presidente da SCAR, Jaraguá do Sul / SC)



Lado C

De Cadernos e de Lado

Por Iur Gomez

Os primeiros movimentos, e desconheço qualquer intenção diferente, apontavam para a formação de cineclubes e para a finalidade de debates que permitissem exhibir crenças estético-filosóficas e aprender de quem se presumia saber alguma coisa o que ainda não se tinha percebido. Eleitos inauguravam suas falas, expondo pontos de vista inusitados e citando referências clássicas; helênicos e renascentistas ressuscitavam na boca de eruditos e tudo se findava na intelectualidade embriagada de noites adentro que marcaram aqueles anos que antecederam a esses tempos de universo virtual e domínio da tecnologia sobre a linguagem, e da pressa, mentora do cotidiano, sobre o tempo poético. Isso era o princípio, quando havia fartas doses de boa intenção e ingenuidade até se descobrir, pouco tempo depois, que é a vaidade que predomina, e o indivíduo está acima de qualquer propósito - ou emergência - coletivo. Evidente, aprendeu-se a arte retórica e não há discurso que assuma esse egoísmo predominante.

O parágrafo acima é, em parte, lembrança de um dos artigos que li há alguns anos na *Cahiers du Cinéma*, publicação que se tornou referência de uma geração de pretendentes a cineastas e das pretensas tentativas de reunir interessados para estudar e debater cinema. Os “Cadernos” franceses foram publicados como iniciativa e emergência de cineastas parisienses, sobretudo, nomes que se consolidaram e se afirmaram com produções que fazem parte da história do cinema mundial, como Godard, Bresson, Éric Rohmer, Claude Chabrol, François Truffaut etc.

Êxitos e frustrações se somaram desde os primeiros contatos com a abrangente teoria cinematográfica e seu feliz e infundável exercício de realizações, qualquer que seja a geografia. *Cahiers* nasceu de uma intenção de diálogo entre críticos e cineastas, na qual a emergência era o debate, o diálogo que o espaço físico não alcançava, se não inibia, também não contemplava. Durante alguns anos, as mesas de bares e as longas noites nos acolheram, reunindo pares e ímpares (e sempre havia alguns primos, com o perdão da metáfora) estabelecendo na informalidade e no

acaso, mas nem sempre, inconclusos diálogos sobre esta ou aquela obra e outras verdades ditadas à revelia e na forma de um filme.

Afirmações categóricas e negações contundentes nos ocuparam; o exercício estético na perspectiva de compreensão da linguagem cinematográfica, a partir da verve, nunca nos foi um limite nem uma dificuldade. Clássicos e experimentais se digladiaram e banquetearam em mesas nas quais cruzavam gerações formadas em *sets* improváveis e, posteriormente, nas turmas procedentes das salas da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Se centenas — para ser econômico — de projetos nasceram e morreram numa intensidade imensurável em torno de encontros e intenções animadas, a ideia de uma publicação regular sobre cinema é tão antiga quanto a ideia de qualquer cineasta potencial em realizar seu primeiro longa, ou seu primeiro filme.

A mesma necessidade que tornou realidade os *Cahiers*, nos idos de 1950, demandou que realizadores e iniciativas institucionais buscassem a publicação de um periódico regular que se consolidasse como principal, não único, mecanismo de debate sobre cinema. A primeira tentativa se deu no final dos anos de 1990. O *MakingOf(f)*, periódico da Cinemateca Catarinense, com oito páginas em preto e branco, em papel off-set e impresso em fotocopiadoras, pretendia concentrar debates e notícias sobre as atividades de cinema. Importante lembrar que as atividades à época se davam, sobretudo, à mesa dos bares e eventuais assembleias da associação. Um edital que permitisse produção constante em Santa Catarina fazia parte dos planos coletivos e as únicas formas à época que fomentavam a produção local eram leis federais e algumas iniciativas irregulares dos governos locais, salvo o consagrado “balcão” e “amizades com o rei” que fizeram histórias.

Três ou quatro números depois e o *MakingOf(f)* foi esquecido, sendo provável que não tenha sobrado qualquer exemplar que ilustre aquele parco cenário, se comparado aos dias de hoje (ainda que todas as sugestões prevaleçam sobre a necessidade de mais recursos e investimentos no setor, qualquer que seja o âmbito governamental de políticas para o cinema). Da constante emergência à velha necessidade, a *Lado C* surgiu com alguns anos de atraso. Não se trata de uma provocação ao voluntarismo e a compromissos institucionais, mas à pretensão de uma classe que reconhece a importância do debate, da crítica e dos exercícios que excedem academias e formalidades de ensaios, teses e das parafernalias teóricas — essa literatura cinza que engrossa prateleiras e se encerra numa banca.

Se o espaço delimitado (contado a partir de laudas ou caracteres) para o desenvolvimento dos conteúdos não permite a relevante contundência da literatura acadêmica, implicando em não explorar devidamente digressões e tangências, seu alcance e possibilidade permitem uma abrangência imensurável entre diálogo e público. E há outra grande vantagem: o indivíduo pode explorar infinitamente suas ideias sem precisar da aprovação de doutos ou similares, nem exhibir credenciais que o certifiquem para tal exercício. Dentro de cada realizador, com ou sem filme na “lata”, vive um inquieto crítico ou teórico disposto a enfrentar o mundo que os cerca provocando o debate implícito e propondo estéticas que questionam, refutam, afirmam e desfilam todas suas pretensões.

Se a inquietude dos potenciais cineastas franceses encontrou nos *Cahiers* o espaço para o embate, os potenciais e pretensiosos cineastas catarinas (catarinenses ou não) encontram, ou devem encontrar nas pautas e laudas das páginas coloridas da *Lado C*, o espaço para diálogos e reflexões sobre cinema, entre o concreto e o abstrato imaginados, que nos surpreendem na forma de um filme.

Uma anônima, no lançamento de um curta nos anos de 1990, afirmou que fazer cinema era muita pretensão. Ainda é. Dizer qualquer coisa não deixa de ser, da mesma forma, o propósito de uma revista que estampa em seu primeiro editorial a intenção de atravessar o “território da dualidade B versus A” (daí *Lado C*) e se propõe a um estágio dialético que não se ocupa com suas superadas “e parcas antinomias” do cinema: experimentalismo x mercado; contracultura x cultura oficial; mundo x local.

Suas matérias, seus artigos e suas entrevistas não se centram apenas na geografia catarinense e em suas atividades cinematográficas e audiovisuais, como se estampa na marca do periódico. Assim, nas notas ou páginas dedicadas ao cinema que se faz nessa terra, fica claro o entendimento da universalidade dessa linguagem; não existe o cinema catarinense, mas o cinema feito em Santa Catarina. Como em qualquer lugar do mundo, é subjetivo e autoral ou mercadológico e objetivo. Debate exaustivo que permeou discussões no final do século passado e parece superado (deveria estar), assim como as questões conceituais entre cinema e audiovisual, se isto ou aquilo, o que é ou o que se faz. Não importa, é tudo cinema (ou cada um que chame como quiser, como acredita que seja).

(Iur Gomez é cineasta, Florianópolis / SC)

Urdimento

Revista *Urdimento* é referência para estudiosos de teatro

Por Vittorio Brausen

Urdir, ato de tramar, de compor, de criar. O teatro é feito de um contínuo urdimento, daquele tramar visível e invisível que perpassa os atores, os diretores, os dramaturgos, desde tempos imemoriais. Urdimento é também o espaço que vai do alto da boca de cena para cima, onde se acomodam as roldanas, os molinetes, os gornos e ganchos e outros dispositivos usados nos trabalhos das manobras cênicas. Trata-se de um espaço técnico, tradicionalmente invisível para a plateia, pelo menos até o surgimento de criadores como Vsévolod Meyerhold, que propôs aquilo que Walter Benjamin chamou de “uma nova sinceridade, uma recusa do misticismo do palco” e expôs nas peças o que até então permanecia longe dos olhos do público. A magia teatral se expandia e abarcava também na revelação dos mecanismos que criavam a ilusão teatral.

Dessa forma, não por acaso, o nome de uma das principais revistas acadêmicas de teatro chama-se *Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas, e, como no caso de Meyerhold, também propõe expor outros meandros do teatro: o teórico, o estético, o ético e os pensamentos que compõem a arte teatral. Mantida pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro do Centro de Artes (CEART), da Universidade do Estado de Santa Catarina, a *Urdimento* nasceu em 1997, tendo como editores os professores e diretores André Carreira e Valmor Beltrame. No edital de abertura da número 1, os princípios que nortearam os 19 números da revista até aqui: “Nosso desejo é que a *Urdimento* seja um espaço de encontro que, além de dar conta

das pesquisas realizadas no Brasil, possa constituir-se como espaço de reflexão sobre o teatro no continente latino-americano [...]. E nosso objetivo é o de contribuir fundamentalmente com a atividade acadêmica no campo da investigação teatral, sem no entanto esquecer que nossas pesquisas existem a partir da atividade dos realizadores de teatro. É pertinente aclarar que nossa proposta é privilegiar estudos que abordem o fenômeno teatral enquanto fato vivo, isto é, nosso interesse prioritário é o estudo e a análise do espetáculo e dos procedimentos relativos à realização espetacular.” Desde então, a revista vem se mantendo firme no propósito de entender o teatro como um fenômeno vivo, mutante, em certo sentido até mesmo caótico. Entre o número 2 e o número 6, André Carreira manteve-se à frente da edição. Chama a atenção para esse período que o número 4, lançado em 2002, centra-se apenas na produção dos professores do Departamento de Artes Cênicas da UDESC, pois nesse ano houve a abertura do Programa de Pós-Graduação em Teatro – Mestrado – levando o CEART a um outro patamar.

Em 2007, o número 7 era publicado com a edição de Edécio Mostaço, um dos principais pensadores do teatro brasileiro. Nesse ano, a *Urdimento* foi promovida ao nível A no *qualis*, sistema de avaliação de periódicos acadêmicos mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Atualmente, a revista mantém-se com *qualis* A1, patamar máximo atribuído pela mesma coordenação.

Com novo visual, a *Urdimento* começou a se preparar para lançar, além dos números pluritemáticos, números monotemáticos e especiais. O número 9, tendo novamente André Carreira na edição, apresenta uma série de traduções de artigos de autores como Eugenio Barba, Helen Nicholson, Slavoj Žižek e Hans-Thies Lehmann, além de um vasto dossiê sobre o teatro no Cone Sul.

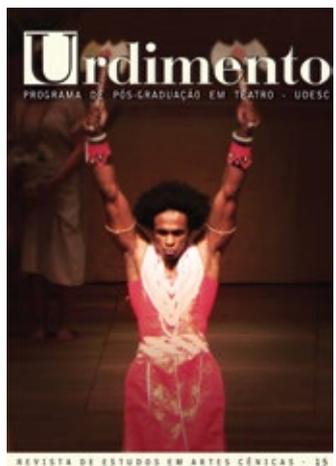
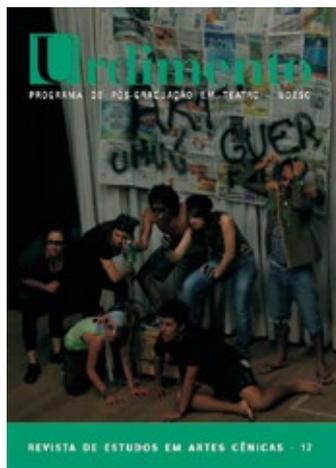
Em 2008, a revista chegava ao seu décimo número. Para comemorar, foi publicada uma edição especial sobre a formação teatral. Nas palavras de Biange Cabral e Márcia Pompeo Nogueira, editoras responsáveis: “O estranhamento decorrente de nosso encontro com olhares diversos sobre nossa prática docente nos leva a deslocar nossas certezas e expectativas. Assim foi articulado este número especial da *Urdimento* – os artigos aqui presentes apontam para lugares pedagógicos distintos e apresentam uma pluralidade de olhares sobre o fazer teatral.” Os artigos reunidos se agrupavam em cinco áreas principais da pedagogia do teatro: teatro na escola, formação do professor, formação do espectador, teatro na comunidade e prática como pesquisa. O número seguinte comemorava a entrada do curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC. Era mais um passo que consolidava o PPGT como um dos pontos de referência nos estudos teatrais no Brasil. Com o doutorado, o corpo docente e os projetos de pesquisa aumentaram e a *Urdimento* ganhou mais força como centro catalizador de tais estudos.

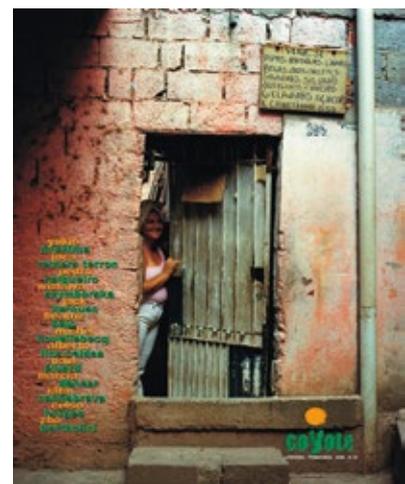
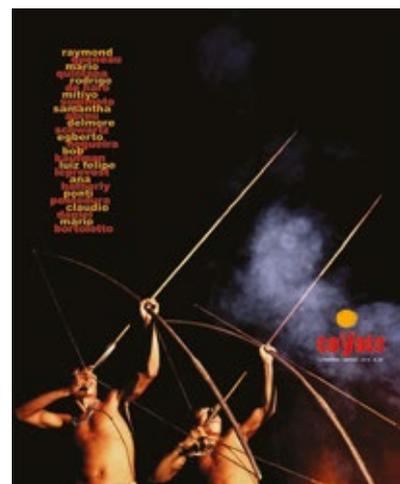
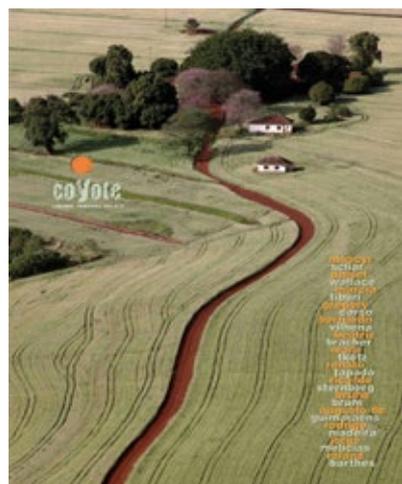
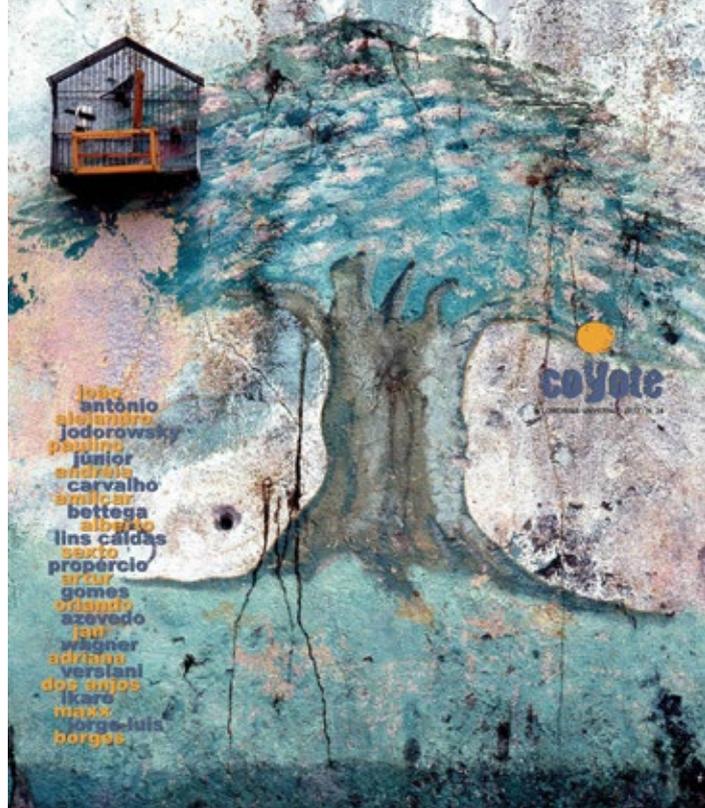
Desde 2009, a revista mantém suas publicações regulares, sempre alternando os editores responsáveis a cada número. Nesse período, chama atenção o número 15, com o tema “Ética, Estética e Política”, sob a direção de Edécio Mostaço, e comitê editorial de André Carreira, Maria Brígida de Miranda e Vera Collaço. O número trouxe a publicação de onze textos do filósofo Jacques Rancière. Nas palavras do editor, “considerando este panorama, esta edição de *Urdimento* apresenta um dossiê reunindo as cogitações do filósofo Jacques Rancière, articulado sobre três temas: a ética, a estética e a política. Instâncias correlatas e territórios adjacentes sobre os quais se espraiam a cultura, a arte e o teatro demandam um desenho lúcido para que suas interações e refrações se mostrem em toda complexidade, longe da simplificação. Foram utilizados trechos de escritos (traduzidos ou não no Brasil), conferências e entrevistas que contaram com a necessária aquiescência do filósofo para seu formato, reunião e difusão, a quem este editor presta homenagem e agradece a generosa acolhida.” O número se tornou um dos grandes acontecimentos da *Urdimento*, elevando-a ao patamar de documento tradutor de nossa época. A revista chega ao seu 19.º, número com mais uma publicação temática. Sob a edição de Sandra Meyer, Milton Leal de Andrade Junior e José Ronaldo Faleiro, publica uma série de textos cujo foco são as pesquisas em torno do corpo, do movimento, da dança.

Neste ano, os dois números da revista, sob a editoria de Maria Brígida de Miranda, Stephan Arnulf Baumgärtel e Vera Collaço, trarão, no primeiro semestre, um dossiê com a temática de dramaturgia contemporânea. O número do segundo semestre vem com um dossiê dedicado aos estudos sobre teatro de mulheres, teatro feminista e as questões de gênero no teatro. O caminho percorrido pela *Urdimento*, até aqui, foi contínuo e ascendente. Melhorando a cada número e mantendo a regularidade, a revista, nesses quinze anos, definitivamente se estabeleceu como referência para os estudiosos do teatro.

(Vittorio Brausen é crítico literário e poeta, Criciúma / SC)

Para acessar a *Urdimento*: <http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/>





“ A revista já publicou trabalhos de Rodrigo de Haro, Péricles Prade, Dennis Radünz, Marco Vasques, Renato Tapado, Alckmar dos Santos, Paulino Penha, Drica Martorano, Fernando José Karl, Sérgio Medeiros, Mauro Faccione Filho, Silveira de Souza, Paulo Stocker e Vinícius Alves. ”

Coyote

Por Isabella Sanches

Coyote, revista londrinense, completa dez anos de jornalismo literário e diálogo com a literatura catarinense

A revista *Coyote* publica há 10 anos textos literários inéditos, radicais em suas abordagens, fugindo do comodismo e do padrão de mercado presente no jornalismo atual. Para isso, contou sempre com o retorno de artistas e também de leitores em geral, fiéis à publicação.

Criar uma revista que falasse sobre literatura e arte já era o sonho dos poetas Ademir Assunção, Marcos Losnak e Rodrigo Garcia Lopes quando ainda cursavam jornalismo na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Entre as publicações já realizadas por eles estão a *Hã* e *K'AN*, realizadas nos anos de 1980. Assunção e Lopes foram também editores da revista *Medusa*, de Curitiba, ao lado de Eliana Borges e Ricardo Corona. Em 2002, surgiu a *Coyote*, editada em Londrina. E, como explica Rodrigo Garcia Lopes, a revista “só existe graças à nossa teimosia e ao Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Promic), da prefeitura local. É esse importante programa público que garante os custos mínimos para a impressão e circulação da revista”.

A *Coyote* sempre buscou criar sua própria linguagem, sobretudo no aspecto gráfico, que é um dos seus diferenciais e também marca registrada da publicação. Quanto aos temas tratados, a revista investe na divulgação de literatura e arte, que são pouco visadas pela grande imprensa. “Somos bastante fiéis ao projeto gráfico e editorial desde o primeiro número. Buscamos sempre a fatia mais radical

da literatura brasileira e internacional. Radical na linguagem e nas abordagens”, coloca Garcia Lopes.

Distribuída para todo o país apenas em livrarias, a parceria com a editora Iluminuras, que ajuda na sua distribuição, possibilita maior circulação à revista. Rodrigo Garcia Lopes, com sua experiência em publicações culturais, explica os empecilhos de se trabalhar com publicações independentes: “Todos aqueles que fazem revistas independentes sabem que o maior nó é a distribuição. Muitas livrarias se recusam a vender a revista, sabe-se lá o motivo. Certamente porque não dá tanto lucro quanto um *best-seller*. Mas há leitores interessados em todos os cantos do país. Quando o mercado só se interessa por lucros estratosféricos, publicações como a *Coyote* acabam prejudicadas.”

A insistência em manter a revista viva possibilitou à *Coyote* superar um grande problema que as publicações culturais encontram no Brasil, o da longevidade. A publicação completou 10 anos em 2012, chegando a 24 números lançados. “Historicamente, no Brasil, revistas literárias não passam do quinto número. Nós poderíamos ter lançado quase o dobro, se trabalhássemos com condições um pouquinho melhores”, reafirma Lopes.

Por se tratar de uma revista não comercial, de pequena estrutura, que veicula apenas conteúdos altamente culturais, a revista recorre a apoios financeiros para sobreviver. Ao longo dos anos, a *Coyote* se inscreveu em vários editais culturais, só conseguindo recursos do Promic, de Londrina.

“Não queremos chover no molhado”

Mesmo já sendo conhecida e reconhecida nacionalmente, ainda que com pouca tiragem e problemas de periodicidade, a *Coyote* quer consolidar ainda mais sua presença na cultura londrinense, paranaense e nacional. Essa é uma luta diária; a história mostrou revistas importantes deixando de existir — como a *Oroboro*, *Medusa*, *Et Cetera*, *Inimigo Rumor* — ou migrando totalmente para a internet, como é o caso da *Sibila*. Para não ter o mesmo futuro dessas publicações, a *Coyote* investe cada vez mais em seu conteúdo e na identificação com os leitores.

Pelas páginas da revista já passaram cerca de 340 colaboradores: de escritores a fotógrafos, de artistas gráficos a tradutores, de ensaístas a artistas, em geral de Londrina e de vários estados brasileiros (Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Pará, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Mato Grosso, entre outros) e de países como Canadá, China, Síria, Peru, Inglaterra, Chile, México, Coreia, Eslovênia, República Dominicana, Romênia, Egito, Argentina, Uruguai, Chile, Cuba, França, Irlanda e Estados Unidos.

Mais do que abrir as portas para diversos artistas, das mais diversas regiões, a *Coyote* tem contribuído também para que artistas catarinenses ganhem visibilidade. A revista já publicou trabalhos de Rodrigo de Haro, Péricles Prade, Dennis Radünz, Marco Vasques, Renato Tapado, Alckmar dos Santos, Paulino Penha, Drica Martorano, Fernando José Karl, Sérgio Medeiros, Mauro Faccione Filho, Silveira de Souza, Paulo Stocker e Vinícius Alves.

Os principais propósitos da revista têm sido justamente estes: abrir suas páginas para abrigar escritores inéditos; divulgar obras de escritores mais conhecidos, mas que andam esquecidos; estimular a reflexão crítica por meio de ensaios, dossiês e entrevistas; publicar traduções de autores internacionais para ampliar as referências estéticas brasileiras, propondo ainda novos critérios de criação e avaliação para os artistas.

Para Lopes, “é importante propiciar um diálogo crítico-criativo com outras tradições literárias, propor outras possibilidades estéticas, que vão além das canonizadas pela crítica e pela indústria cultural, bem como tornar-se um polo de aglutinação de escritores”.

(Isabella Sanches é jornalista, Londrina / PR)

Embarque no Contém Cultura

Projeto que começou dentro de um contêiner já é referência no estado

Por Jamile Cardoso

No início era apenas um caixote de aço, sem vida, que andava de um lado para o outro do mundo, transportando mercadorias. Hoje, é muito mais do que isso. O **Contém Cultura** se transformou em um importante equipamento de produção cultural, oferecendo a crianças e adolescentes a oportunidade de mergulhar no mundo da arte, do cinema, da leitura, da fotografia e do teatro.

Tudo começou há quase um ano, a partir de uma parceria entre o Instituto Caracol e a Portonave, que passou a patrocinar as ações por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Nada mais conveniente que um contêiner para rodar a cidade de Navegantes oferecendo atividades gratuitas à comunidade. A estrutura recebeu reforma, pintura nova, climatização, biblioteca volante e sala de cinema. Era só pegar a estrada.

E assim o projeto percorreu os principais bairros da região, levando oficinas de cartografia, de formas animadas, além de mostras de cinema, rodas de história, guias de leitura e palestras sobre saúde integral e educação ambiental. Tudo de graça. Participou até da maior regata do planeta, a Volvo Ocean Race, em Itajaí, em abril de 2012, quando mais de dez mil pessoas visitaram a estrutura.

Comprovada a necessidade que a região tinha de possuir um centro de produção cultural, surgiu a ideia de criar o **Espaço Contém Cultura**. Criou-se então um lugar onde estudantes de todas as idades se encontram toda semana para assistir a aulas de desenho, pintura, escultura, canto e dança. É a sede do projeto, que fica na Avenida João Sacavém, número 160, no centro de Navegantes.

Desde a sua inauguração, em 31 de outubro do ano passado, o espaço já recebeu mais de 100 alunos nos cinco cursos ministrados no horário de contraturno escolar. E o resultado é surpreendente: pais e mães observaram uma melhora significativa no rendimento dos filhos no colégio, além de mudanças de hábitos e de comportamento. Um trabalho de cidadania, que tem por objetivo formar adultos que saibam encarar suas fronteiras, suas fraturas.

Para o coordenador do projeto, Cristiano Moreira, é a realização de um sonho. “Sempre acreditei que o investimento em cultura e educação tivesse o poder de transformar uma sociedade, sobretudo para melhorar a qualidade de vida das pessoas. De quebra, ainda encontramos grandes talentos, que estavam adormecidos e agora começam a despertar”, afirma.

Unidade Móvel

Até 13 de abril a unidade móvel do **Contém Cultura** está circulando por Balneário Piçarras, Penha, Itapema, Bombinhas e Porto Belo. Nesta época de grande movimentação no litoral de Santa Catarina, o contêiner vai visitar essas cinco cidades da região, com o patrocínio do Fundo Estadual de Incentivo à Cultura (Funcultural).

Depoimento de Cristiano Moreira, coordenador do projeto

“A proposta é percorrer o município levando oficinas para exercitar várias linguagens artísticas. A primeira frase que tentamos evitar e problematizar foi o chavão 'levar cultura para as comunidades'. O movimento foi justamente o contrário: fomos aprender as culturas diferentes de cada localidade onde o **Contém Cultura** permaneceu. Em cada bairro uma dinâmica, uma forma de lidar e de aproveitar as oficinas.

O peso da matéria do contêiner e a leveza do espírito da arte. O peso da palavra cultura e a leveza das variedades de pensamentos; o peso dos problemas sociais encontrados *in loco* e a leveza da criatividade das pessoas em driblar esses problemas. Estaríamos dialogando com Nietzsche, Parmênides, mas, antes, estamos dialogando com nossas sombras, com a tentativa de encontrar algum sentido para nossas vidas, se é que será possível esse encontro fora da pluralidade, do sujeito fendido pela força ambivalente da arte. Assim, pensamos ser melhor o nomadismo do contêiner, porque ele próprio se multiplica em vários contêiners habitando o imaginário das mais de dez mil crianças e adultos que passaram para visitá-lo, que fizeram dele sua estância temporária.”



Divulgação

Depoimentos dos professores

Oficina de artes visuais

“Em pintura, são ensinadas as técnicas, o conhecimento dos materiais utilizados, como pincéis, tintas, suportes, além de estudos de composição, estilos e saberes a respeito dos grandes mestres da pintura de todos os tempos. Em escultura, as crianças aprendem sobre o tridimensional, os diversos tipos de materiais que podem ser utilizados e o uso da criatividade para desenvolver projetos pessoais.”

(Prof.^a Rosiane Serafim)

Oficina de dança

“A dança como forma de expressão artística agrega valores e é uma ótima atividade física. Nas aulas ministradas no **Projeto Contém Cultura**, as crianças e adolescentes têm acesso a todas as informações que um bailarino precisa para um bom desempenho. Disciplina, técnica do ballet clássico e do jazz, postura, coordenação motora e, principalmente, o convívio em grupo que estimula as relações saudáveis em sociedade. No desenvolvimento dos trabalhos, temos observado alguns jovens que possuíam dificuldade de relacionamento, agitação ou timidez apresentarem bons resultados que, com certeza, os beneficiarão inclusive no desenvolvimento escolar. Como costume sempre dizer aos meus alunos: “Não sabemos voar, mas podemos dançar!”

(Prof.^a Andréa Cristina Marcellino)

Oficina de canto

“O que pretendemos com o curso de musicalização e formação de coral é despertar o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, do senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação, por meio de jogos e de outras atividades musicais.”

(Prof.^a Roberta Sabino)

(Jamilé Cardoso é jornalista, Navegantes / SC)

Poemas inéditos de Rubens da Cunha

1
anus e poetas são perturbações mínimas
nos fios de alta voltagem

fragilidades que se esmiúçam enquanto voam

são pedras abstratas
que tratam a questão como se fosse penugem de dor

o peito abstraindo-se
cozinhando remorso em areia
campeiam seus músculos, ossos, nervos
na busca de algo que lhes faça voo

não esse voo que todos conhecem

outro
mais capaz de acelerar a concretude
de fazer os gritos necessários

um voo totem de carne
sem o caos habitual que define o futuro

um voo desnudo
desmascarado
só



2
nesse meu todo corpo

sei dos alfinetes que deliram nos parques
sei das luzes baixas que acompanham bocas
sei dos vermífugos dados pela mãe

tá com bicha esse menino

se ela soubesse que a ordem *ora pro nobis* era outra
era outro o deus nas alturas
as hosanas nas alturas

sei ainda do escuro discurso das éguas baias
da baixa água que circula o ventre

nada contém o destino
a mão fêmea e taciturna resvala-se reto adentro
curva-se intestina e adormece solitária
imune a vermífugos, imune a coincidências e esperanças maternas

a mão fécula e fácil do destino não sonha:
insonha-se: acre e álcere



3
no corpo de minhas mulheres
um oco baixo me acontece
há milhares de anos e léguas

minhas mulheres são medusas
talvez até fossem éguas se me permitissem a rima

minhas mulheres são grã-finas
suas orelhas permanecem virgens a insultos

se lhes digo putas ouvem dalias
se lhes digo cadelas ouvem mar
e olham-me com carinho, como se de carinho fossem feitas

minhas mulheres rarefeitas em miséria, em virilhas
novilhas cruciadas
carnadas para meu prazer de homem

tenho remorso por comer minhas mulheres
sem lhes temperar
sem dizer que tudo não será abandono

que o dia seguinte é um útero
um vórtice de carne e travesseiro

e que talvez suas orelhas virgens possam entender, atender a ligação

*(Rubens da Cunha é poeta e crítico de teatro, Morro do Jacu - Araquari / SC)
(Carol Silva é artista visual, Joinville / SC)*

4
não direi que a pressa
é uma pedra

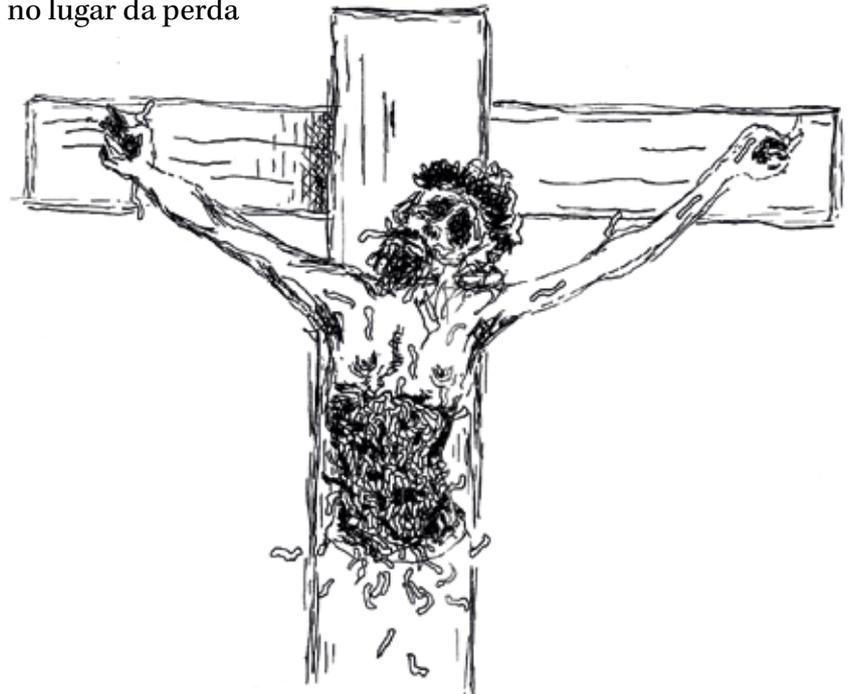
não sou Sísifo
embora pareça

a pressa me acontece
mais como a montanha:
subir e descer

a pressa é um disfarce
um silêncio em máscaras

que carrego feliz

a pressa me acontece
no lugar da perda



O malte do sátiro

Em uma mão, Alexandre segurava um *whisky* Dalmore Trinitas de 64 anos, que custou mais de 100 mil libras aos cofres públicos. Na outra, estava o celular, onde lia novamente a mensagem: “Problema grave com o sátiro, precisamos de você urgente.”

O sátiro era Fausto, o último de sua espécie. Não só isso: a única criatura fabulosa que aprendeu a linguagem dos homens. Vinte e sete idiomas, para ser exato. Seu favorito era o português, falado por Alexandre.

Não foi por afinidade linguística que o biólogo e o sátiro ficaram amigos. Em sua primeira visita a Fausto, Alexandre levou um vinho, da melhor estirpe. “Putá merda, durante milênios tomei porre de vinho. Não há um quadro de sátiro em que não estamos entornando um maldito jarro”, desdenhou Fausto.

Na segunda visita, Alexandre trouxe um *whisky*. Um Johnnie Walker Green bastou para enfeitiçar o sátiro. Na oitava visita, com um Trinitas dançando nos copos, os dois já eram grandes amigos, como só os bêbados podem ser.

Um “problema grave com o sátiro” era motivo de preocupação para todas as nações. A população mundial de seres fantásticos era pequena. Após milênios de caça predatória – em parte por culpa de seres beligerantes como quimeras, harpias, trolls e minotauros, mas biólogos como Alexandre acreditavam que esses seres eram tão incompreendidos quanto os tubarões brancos –, restaram algumas dezenas de sereias em parques aquáticos (em vidros à prova de som), alguns cavalos alados e meia dúzia de elfos.

Centauros havia ainda em numerosas manadas, graças aos trabalhos do naturalista brasileiro Moacyr Scliar. Seus estudos sobre centauros ajudaram a combater o preconceito contra a espécie. Outros livros científicos foram referências para Alexandre, como “Bestiário”, do argentino Cortázar, e as obras do primeiro naturalista, o grego Homero.

Alexandre pertencia a uma corrente minoritária na biologia, que não aceitava que esses seres fantásticos tivessem sido criados por deuses. Seriam animais, como quaisquer outros, não diferentes do homem ou de um rato. Quanto à vida infundável dessas criaturas, Alexandre também era cético em relação a isso. O fato de ainda não terem morrido não quer dizer que sejam imortais. Perto de uma formiga, que vive poucos dias, um homem também parece eterno.

O biólogo não acreditava em deuses, muito menos nos poderes criacionistas dessas divindades. Era um dos poucos em seu meio que seguia os ensinamentos de um obscuro cientista do século 19, Charles Darwin. E em um planeta que tinha mais deuses (de todos os condôminos do

Olimpo até os nórdicos de Asgard) do que idiomas, o ateísmo era de uma praticidade confortável.

Ser ateu o colocava em uma situação de desconfiança entre a comunidade científica. Mas seus progressos com o sátiro fizeram todos os críticos calarem a boca. Toda vez que havia uma crise com o Fausto, a quem mais chamavam?

Ele chegou ao luxuoso prédio onde abrigavam o sátiro – a última visita foi em outra crise de Fausto, há alguns meses. Era uma edificação do governo, com um aspecto de condomínio residencial. A diferença é que quase todos os andares eram ocupados por cientistas e militares; apenas a cobertura era reservada ao ser fantástico.

Por insistência do sátiro, toda a decoração em estilo grego foi removida do local. “Vivi nessa época. Por que preciso, milênios depois, continuar vendo pilastras por toda a parte?”, esbravejou Fausto quando conheceu o apartamento.

O sátiro pediu telas originais de Francis Bacon e Egon Schiele. “E por que não aquela de Munch que está em Nova York?”, requisitou a criatura, com ar zombeteiro. Dias depois, “O Grito” estava pendurado em seu banheiro.

Alexandre estava diante da porta do sátiro. Passou sem ser revistado. Até presidentes e reis precisavam ser inspecionados, caso quisessem falar com o Fausto. Vários tentaram, mas a criatura não os recebeu. Por insistência do sátiro, ninguém encostaria em Alexandre. A criatura sabia que era prisioneira, mas um cativo que pode dar cartas.

O biólogo colocou seu polegar no leitor digital localizado na fechadura, liberando a porta. Levou alguns segundos para seus olhos se adaptarem à pouca luminosidade do ambiente e então encontrou o sátiro jogado em uma poltrona que pertenceu a Napoleão.

Não foi preciso muito tempo para perceber que ele estava bêbado igual um bode.

– Amigo, o que foi desta vez? – perguntou o homem.

Fausto colocou seus cascos no chão, derrubando algumas garrafas de *whisky* que estavam ali acomodadas. Uma ainda estava pela metade, fazendo escorrer pelo assoalho o equivalente a meses do salário de Alexandre.

– Até quando, Alexandre? Até quando vou viver sem elas.



Alexandre deixou seu presente na grande mesa de madeira no centro da sala e sentou-se na poltrona onde estava antes o sátiro, enquanto ouvia as tropegas frases do amigo.

– Sabe quando foi a última vez que transei, Alexandre? Sabe?

O sátiro pegou uma garrafa fechada na mão e atirou contra uma escultura de Rodin, no outro lado da sala.

– Mais de quatro séculos!

Mais de quatro séculos, cacete!

Alexandre sabia que as ninfas, as parceiras sexuais dos sátiros, estavam extintas. Durante séculos, elas foram vítimas de criminosos, que as capturavam e as vendiam para bilionários e reis, como escravas sexuais. Elas não aguentavam por muito tempo o sexo não conceitual. Eram criaturas que viviam para o prazer. Estupro a estupro, suas vidas se esvaíam, até perecerem.

– Ah, os gregos diziam que nós transávamos com mulheres e cabras... Mentirosos. Talvez um ou outro pervertido tenha pego uma cabrita, mas não eu, não eu! – vociferava o sátiro.

– Vocês, humanos, podem ainda ligar a droga de um computador e se afogarem em um oceano de pornografia. Mas e eu? E eu? Não sobrou nenhuma ninfa, muito menos uma que faça filmes de sacanagem.

Fausto aproximou-se de Alexandre, segurando seu ombro.

– Alexandre, por favor, abre aquela janela para eu me jogar. Eu lhe imploro. Você tem poder para isso, eu lhe dei esse poder – disse, com um bafo inflamável.

Alexandre também segurou o ombro do sátiro, olhando-o com serenidade. Sabia o que tinha que fazer. Levantou-se e foi até a janela, onde posicionou o polegar na fechadura. Enquanto o vidro subia, sentiu o vento atingir seu rosto e invadir o ambiente.

Sem olhar para o sátiro, dirigiu-se até a mesa da sala, onde abriu o *whisky*. Serviu-se de uma dose generosa. Levou seu copo até o nariz. Pegou outro para o amigo, despejando mais um pouco da bebida no vidro. O malte do Trinitas dissolvia suas narinas, enquanto aguardava Fausto para mais uma ébria noite ao vento.

(Rodrigo Schwarz é contista, romancista e jornalista, Joinville / SC)

Rumo ao desconhecido

A cidade, com seu casario branco, bordando a orla da baía, depois de duas semanas sendo lavada pelas chuvas da primavera, finalmente amanheceu recoberta pela claridade de um sol novo, recém-criado. Isso pareceu a Dom Manoel Manso o prenúncio do mundo novo que estava em busca. Mas nem tudo que o esperava era tão favorável nem tão luminoso.

Manoel Manso deixou o casarão onde estava hospedado por acolhimento do governador e desceu a Rua da Trindade em direção à praia. A cada pessoa que encontrava recebia e retribuía um bom dia alegre. Não era só o sol que era novo. Depois de tanta chuva, depois de tantos dias e noites assemelhados, era visível em cada rosto, em cada olhar, o reflexo de alguma coisa nova dentro de cada alma.

Mas Manoel Manso logo percebeu que aquele sol não era o suficiente para diluir as disputas pelas ambições e as sombras acumuladas no interior das almas que haviam migrado para a Ilha de Nossa Senhora do Deserto. Ao contrário. Muitos resíduos ficaram ainda mais aparentes.

Antes de chegar à praia, ele pôde ver as águas da baía reverberando a luz como se fosse um espelho. Depois de subir a ladeira da Rua do Ouvidor parou para olhar a mata nos morros arredores. Não viu mais o verde. Viu somente as flores amarelas dos garapuvus. Tinham esperado o primeiro sol para abrirem ao mesmo tempo.

Passou pelo adro da igreja e parou para ver como um holandês, a quem chamavam de Fritz, que havia desertado de uma expedição às Índias, demonstrava como seu macaco cego e com os olhos de vidro saltava de uma vara à outra sem cair. A sua mulher era uma moça de cor acobreada e olhos acesos. Ele a chamava de Valquíria. E cada vez que o macaco pulava de vara em vara, ela ria alto como uma criança. “Ele não precisa de olhos para acertar o pulo”, repetia Valquíria. “Precisa, afirmava Fritz. Ele enxerga com os olhos de vidro, um avanço da ciência.” A sua risada divertiu mais Manoel Manso do que o macaco com os olhos de vidro.

Já na praia, Manoel Manso assistiu ao alvoroço para retirar da água o corpo de um escravo que boiava estufado entre os barcos. Puxaram o corpo e depois ficaram discutindo. O que fazer com ele era o que mais se ouvia.

— Leva de volta para o mar – disse um homem franzino de dentro da canoa. Subiu nas sacas de farinha de mandioca e gritou: — Já está fedendo. Não deviam ter tirado.

Continuou gritando irritado, mais alto do que todos. E mesmo depois que devolveram o corpo para a maré vazante, continuou gritando. “Recolher para quê?”, berrava.

Manoel Manso compreendeu de forma muito clara que o mar era o fiel depositário de tudo. Um grande sepulcro. Como se não bastassem os excrementos, o lixo e todas as sobras, o mar recebia tudo o que era demais para os vivos. Todos os mortos sem endereço para os seus corpos. Cachorro, negros, crianças, cabras e cavalos, galinhas e vacas pesteadas. Tudo isso era visto boiando. Todos os dias. “Com tanta intimidade com a morte, um dia ele também vai morrer”, pensou enquanto se desviava da carniça de um boi. Desviou-se dos urubus e pegou uma laranja-açúcar em um balaio e se lambuzou na doçura.

Manoel Manso andou pela praia entre as esteiras de cebola, alqueires de feijão e de arroz, mantas de peixe seco, balaio de camarões e peixes frescos, rolos de fumo de corda. Pagou o que comprou e fez encomendas de mercadorias para serem levadas por seus barcos e vendidas no Rio de Janeiro. Mandou os seus escravos levarem os produtos.

Depois foi andar pelos confins da cidade. Atravessou as ruas que convergiam para a praça. Passou diante das casas com sacadas de gradil de ferro, depois as de porta e janela. Todas as portas e janelas abertas deixavam a luz entrar, mostrando as cadeiras de palha da Índia, os sofás ingleses, os

cristais e as louças floridas. Escutou as brigas de um marido acusando a mulher de traição. Um berreiro de ódio e medo. Na casa ao lado da igreja de São Francisco, ele ouviu as sete notas de um piano. Depois, já mais longe, as primeiras notas de uma modinha. E foi em frente.

Em cada rua encontrou um testemunho de vida. Na Rua do Príncipe as mulheres estavam na frente da casa. Faziam renda, bordavam e brincavam. Sem parar de falar e de rir, sorriram para Dom Manoel Manso. Eram bonitas e atraentes. Bem cuidadas. E um olhar quase estimulador.

Caminhou até misturar-se às crianças desnudas e aos negros desocupados. Aos desencantados com a vida, consigo, com o mundo. Aos refugiados das guerras e da justiça; dos amores mal resolvidos, dos que desistiram tirar leite de pedra, dos catadores de migalhas espalhados na periferia.

Para os lados do rio da Bulha, encontrou dois valentões à procura de briga. Provocavam os negros de uma roda de capoeira que aproveitavam o sol para fazer o que mais gostavam. Dançar, cantar e voar. Para longe. Para onde os pássaros que lá gorjeiam, não gorjeiam como os de cá. Os negros continuaram dançando e eles provocando. A dança passou a ser em si uma provocação. Não aceitar o desafio dos valentões era também uma libertação. Uma liberdade que anulava a única coisa que os dois brigões tinham para mostrar a si mesmos e ao mundo que existiam. A contenda passou a ser com eles mesmos. Era um jogo sem adversário. Sem ter contra quem apostar. E isso os irritou mais ainda. Abriram as navalhas nas mãos direitas e com as esquerdas chamaram os capoeiristas para o arranca-rabo.

Neste momento, Dom Manoel Manso surgiu na frente deles. Mas eles só foram perceber um instante depois, quando a cegueira começou a se desfazer atingida pela surpresa.

— Não vale a pena – disse Dom Manoel Manso. — É uma briga contra ninguém. E vocês dois são muito valentes para brigarem sem um bom confronto.

O seu destemor não tinha nenhum sinal de bravata. E nada a ver com arrogância.

O mais alto era louro, sem brilho, cabelos gastos pelo sol tropical e o salitre. Estufou o peito sem camisa e estaqueou os pés diante de Dom Manoel Manso.

— E o senhor é um bom confronto? – perguntou o grandão.

— Não tão bom que lhe valha a pena gastar a sua coragem. Mas se quiser uma boa briga com o mundo eu posso lhe oferecer.

Os dois moços se olharam sem saber o que perguntar e, menos ainda, sem compreender o que se passava.

— Como se chamam? Eles continuaram calados. — Como vocês são chamados?

— E de que se trata essa aventura? – perguntou o que estava mais próximo.

— Eu sou Manoel Manso – disse ele estendendo a mão. — Sou o homem que chegou com os seis navios avariados. Logo vou continuar por terra em direção mais ao Sul para fundar um povoado. Nem eu sei exatamente onde isso será feito. Só sei que lá ninguém precisará provar que é valente. Isso se chegar lá. Mas é preciso ser muito aguerrido para aceitar o desafio.

Os dois homens se olharam com um sorriso.

— O que achas disso? – perguntou o mais alto para o outro.

— Vai mulher também? – perguntou o outro.

— Se tiverem mulheres e elas queiram enfrentar a selva e o mundo desconhecido, tudo bem. Senão, com certeza mais tarde as mulheres irão. Qualquer mundo sem elas não tem a mesma graça. Menos ainda um mundo novo.

— Um mundo novo com as mesmas encrencas não é novo – riu o mais alto.

— Pena que não tenho nenhuma mulher para levar junto – confessou o outro.

(Miro Morais é romancista, Florianópolis / SC)

“A cultura transforma o espaço, transforma as pessoas, transforma o entorno.”

Entrevista com Willian Sieverdt, idealizador do projeto “Embaixo da Ponte Tem Teatro”

Por Edson Burg

Divulgação



Sob olhares desconfiados, o espaço embaixo da ponte Curt Hering, em Rio do Sul, ganhou inesperados moradores. Seus movimentos e gestos vêm de mãos talentosas como as de Willian Sieverdt, que há mais de 20 anos mantém a Trip Teatro de Animação, e desta vez levou espetáculos, seus e de outras companhias, para um local estranho a esse tipo de manifestação.

O projeto “Embaixo da Ponte Tem Teatro” foi realizado em 2012 pelo Centro de Pesquisa e Produção de Teatro de Animação, braço da Trip criado em 2004, e contou com o patrocínio do Ministério da Cultura, por meio do Edital Procultura de Estímulo ao Circo, Dança e Teatro na Categoria B: Programação de Espaços Cênicos. Foram trinta e duas apresentações para um público de mais de cinco mil pessoas, além de workshops e vivências com os grupos participantes vindos de várias cidades de Santa Catarina e dos estados do Rio

Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Pernambuco, São Paulo, Pará e do Distrito Federal, além de convidados da Argentina e da Espanha.

Mas os números são frios para demonstrar o verdadeiro trunfo do “Embaixo da Ponte Tem Teatro”. Para Willian, proponente do projeto, reunir artistas e público numa área tão cercada de preconceito é interferir diretamente no cenário urbano da cidade, mexer com sentimentos e sensações. É a arte verdadeiramente transformadora, ainda que num microespaço – a ponte Curt Hering fez jus à nomenclatura de “Espaço Cultural Moysés Boni”, conforme pretendiam professores e alunos da Universidade pelo Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí em 2001.

Durante anos, o espaço cultural voltou a ser simplesmente uma área coberta pela Curt Hering. Estruturalmente, “Embaixo da Ponte Tem Teatro” resultou na aquisição de toldos retráteis,

colchonetes, equipamentos de iluminação, pintura total e melhorias no camarim. Longe de ser somente isso: da ode ao tradicionalismo de “Tem Xente Uma Feis” (Cia. Alma Livre, de Jaraguá do Sul/SC), passando pela mágica de “Imagineco” (Nazareno Bonecos, de Caxias do Sul/RS) até o noir de “O Incrível Ladrão de Calcinhas” (da própria Trip Teatro), o projeto mudou aqueles olhares desconfiados de tempos atrás.

O poder transformador aparece na realização de outros eventos em 2012 no mesmo Espaço Cultural Moysés Boni. No total, aproximadamente dez mil pessoas passaram por lá em todo o ano passado, um ganho para além dos aplausos do público e que pode trazer outros resultados: mais de mil assinaturas foram recolhidas nas apresentações, um abaixo-assinado para reivindicar a construção do Teatro Municipal de Rio do Sul, que, em conjunto com o Espaço Moysés Boni, deverá promover a arte em todas suas múltiplas formas de expressão. Abaixo, entrevista com o diretor, ator, produtor cultural, presidente da Federação Catarinense de Teatro e atual superintendente da Fundação Cultural de Rio do Sul, Willian Sieverdt.

Aos olhares do senso comum, os espaços de baixo das pontes geralmente são relacionados com a marginalidade. O projeto também objetivou fazer provocar à população uma nova imagem para a Curt Hering?

Marginais, vulneráveis, locais a serem evitados... Além de provocar uma nova imagem deste local em particular, o projeto buscou mostrar o poder da cultura como ferramenta de transformação. Falar do poder de transformação da cultura em relação ao ser humano e à sociedade na qual ele está inserido é sempre difícil pela subjetividade desses conceitos. Porém, neste caso, perceber o poder de transformação da cultura com relação a este espaço foi algo muito palpável. Quando os cidadãos perceberam que nos finais de semana em Rio do Sul eles se preparavam, se produziam, chamavam os amigos e parentes e iam felizes para baixo de uma ponte e saíam de lá ainda mais felizes, ficou muito fácil de perceber que a cultura transforma sim. Transforma o espaço, transforma as pessoas, transforma o entorno. E vai muito além disso. Apenas alguns meses antes do início do projeto, a cidade de Rio





do Sul sofreu com uma das maiores enchentes da sua história. Levar a população para tão perto do rio Itajaí-Açú e promover bons momentos ajudou a superar traumas e rever uma relação nem sempre respeitosa. Também valorizou outros equipamentos culturais do entorno, como o Museu da Madeira, que teve sua visita ampliada, além de tantos outros benefícios para a cidade e para seus cidadãos.

Os espetáculos apresentados ofereceram diferentes linguagens cênicas. Como foi a adequação do Espaço Cultural Moysés Boni para receber as apresentações?

No primeiro momento, por conta da relação da cidade com o teatro de animação, bem como por ser este o foco de atuação da Trip Teatro, a maior parte dos espetáculos exploravam essa linguagem. Mas o teatro de animação também é muito amplo em suas técnicas, e procuramos valorizar o maior número possível delas. Bonecos de luva, marionetes, manipulação direta, teatro de sombras, silhuetas, bonecos de varas... A adequação respeitou as necessidades de qualquer espetáculo cênico: pintura preta da caixa cênica, instalação de varas e calhas para receber equipamentos de iluminação, sonorização, colocação de toldos retráteis para escurecimento total do ambiente mesmo durante o dia, praticáveis para atender a necessidades específicas, camarim etc. Também tivemos o cuidado de respeitar o público com instalação de almofadas na arquibancada, acessibilidade, limpeza e muita atenção no tratamento.

Rio do Sul não tem um teatro municipal. Sendo assim, “Embaixo da Ponte Tem Teatro” teve conotação política e de reivindicação?

Sem dúvida. Nada mais oportuno que estar embaixo de uma ponte e mostrar que temos público, bons espetáculos, que somos articulados e não estamos de braços cruzados esperando que o poder público faça algo. A ação de um governo deve surgir a partir da demanda da população.

Provamos que se tivermos um teatro municipal, ele não ficará inerte. Aproveitamos para chamar a atenção do público para isso através de um abaixo-assinado que coletou centenas de assinaturas. O mais curioso foi perceber que cada assinatura vinha com o seguinte comentário: “Eu assino, desde que vocês não abram mão deste espaço tão pitoresco”.

Como reagiram os grupos que foram convidados para as apresentações? E, ao final, qual a avaliação estes grupos fizeram da experiência?

Passaram pelo projeto grupos experientes de estados brasileiros além de grupos da Europa e da América do Sul. Grupos que viajam pelo mundo todo. Todos reagiram de forma positiva. Nenhum deles havia estado em local semelhante, seja como artista ou como público. Além de estar embaixo de uma ponte, chamou a atenção de todos a qualidade técnica do ambiente e a acústica impressionante. O público sempre foi uma atração à parte. Afinal, onde mais o público poderia estar tão “desarmado e sem frescura” do que neste local? Todos comentaram a disponibilidade do público em participar do jogo.

No total, foram mais de cinco meses de atividades. É difícil manter o público atraído para um projeto extenso?

Não, é mais fácil que um projeto pontual, pois a qualidade da proposta e dos espetáculos fidelizou grande parte do público. Mais de 90% da programação esteve com lotação máxima.

Geralmente, apresentações em espaços abertos atraem um público inesperado, transeuntes que descobrem o espetáculo somente quando estão passando pelo local. Como foi essa experiência neste projeto?

Bastante interessante, pois os que passavam sobre a ponte ficavam muito atraídos pelo movimento intenso do lado de baixo. Mas a curiosidade só sustenta uns poucos momentos de atenção, o suficiente para que descobrissem o que realmente estava ocorrendo lá. O resto foi “fácil”.

A Trip tem mais de vinte anos de atividades. Quais as principais mudanças que você percebeu neste período, tanto na questão de políticas públicas de incentivo e espaço para apresentações quanto na própria evolução da linguagem do teatro de animação?

Uma imensa evolução em todos os sentidos. Investimentos públicos que antes eram inexis-



tentes, hoje somam quantias volumosas. Grupos cada vez mais profissionais investindo em pesquisa, intercâmbio e produções ousadas. Grupos dedicando-se a montagens de espetáculos de bonecos para adultos, mostrando que essa não é uma arte somente para pequenos. Festivais se multiplicando por todos os cantos do país e do exterior. O boneco cada vez mais presente na mídia, em programas de tv, comerciais, videocliques. Grupos dispostos a trocar informações, entendendo que essa troca é positiva para quem dá e para quem recebe. O próprio mercado cultural está absorvendo cada vez mais essa arte. Acredito que o único ponto negativo é o da renovação. O surgimento



de novos grupos com trabalhos de qualidade não acompanhou o desenvolvimento de todos os aspectos citados. Há espaço para muitos grupos se desenvolverem e “viverem” dessa arte.

Recentemente, a convite, você dirigiu “Um Príncipe Chamado Exupéry” para a Cia. Mútua, de Itajaí. Essa interação entre os grupos do estado tem sido frequente ou ainda precisa ser aprimorada?

Tem sido cada vez mais frequente. São muitas as companhias que se apoiam em diretores e técnicos de outras. Oficinas de formação, participação em projetos de montagem, cooperação em eventos diversos. Essa realidade tem contribuído muito para o desenvolvimento do teatro catarinense. E não só entre grupos/artistas do estado, mas entre estes e artistas de todo o Brasil e do exterior. Nós da Trip Teatro, por exemplo, temos em nosso repertório um espetáculo montado em cooperação com artistas da Espanha, que contou inclusive com apoio do Ministério da Cultura de lá. O espetáculo que dirigi da Cia. Mútua tinha em sua equipe técnica artistas de diversos estados brasileiros. É a melhor escola.

(Edson Burg é jornalista, Joinville / SC)

ZONA

Tradução de Guillaume Apollinaire por Péricles Prade

Finalmente te cansaste deste mundo antigo

Pastora oh torre Eiffel o rebanho de pontes bale esta manhã

Estás farto de viver na antiguidade grega e romana

Aqui até os automóveis parecem antigos
Só a religião permaneceu atual só a religião
Continua simples como os hangares dos campos de aviação

Só tu na Europa não és antigo oh cristianismo
O europeu mais moderno de todos sois vós Papa Pio X
E tu a quem as janelas espiam a vergonha te impede
De entrar numa igreja e confessar-te nesta manhã
Lês os prospectos os catálogos os anúncios que cantam a plenos pulmões
Eis a poesia desta manhã e para a prosa servem os jornais
As entregas a 25 centavos cheias de aventuras policiais
Retratos de homens ilustres e mil títulos diversos

Eu vi nesta manhã uma bela rua cujo nome não me lembro
Nova e limpa como a claridade do sol
Os patrões dos operários e as bonitas datilógrafas
De segunda pela manhã a sábado à tarde passam quatro vezes ao dia
Ouve-se pela manhã a sirene gemer três vezes
E um sino furioso late ao meio-dia
As inscrições das tabuletas e dos muros
Os cartazes de avisos gritam como os papagaios
Encanta-me a graça desta rua industrial
Situada em Paris entre a rua Aumont-Thiéville e a avenida des Ternes

Eis a rua nova e tu ainda és um menino
Tua mãe te veste apenas de azul e branco
És muito piedoso e como René Dalize o mais velho de teus amigos
Nada mais amas do que as pompas da Igreja
Já são nove horas e a luz do lampião se esvai toda azul
Sais do dormitório às escondidas
Rezais durante toda a noite na capela do colégio
Enquanto eterna e adorável a profundeza ametista
Gira para sempre a flamígera glória de Cristo
É o formoso lírio que todos nós cultivamos
É a tocha de cabelos roxos que o vento não apaga
É o filho pálido e ruivo da Mater Dolorosa
É a frondosa árvore de todas as preces
É a dupla escora da honra e da eternidade
É a estrela de seis pontas
É Deus que morre na sexta e ressuscita no domingo
É Cristo que ascende ao céu melhor que os aviadores
E bate o recorde mundial de altura

Pupila Cristo crucificado
Vigésima pupila dos séculos ele sabe e faz
E transformado em pássaro este século se eleva como Jesus
Os diabos nos abismos levantam a cabeça para contemplá-lo
Dizem que imita Simão o mago da Judeia
Gritam que se sabe voar sabe roubar
Os anjos adejam ao redor do elegante acrobata
Ícaro Enoch Elias Apolônio de Tiana
Flutuam em torno do primeiro aeroplano
Às vezes se afastam para deixar passar
Aqueles que transportam a Santa Eucaristia
Esses padres que eternamente elevam a hóstia
Por fim aterrissa o avião sem fechar as asas
O céu se povoa então de milhões de andorinhas
Velozes vêm batendo asas os corvos as corujas os falcões
Da África chegam os íbis os flamingos os marabus
O pássaro-roca celebrado pelos contistas e poetas
Plana levando nas garras o crânio de Adão a primeira cabeça
Do fundo do horizonte a águia lança forte grito
E da América vem o pequeno colibri
Da China vêm os pihis ágeis e compridos
Que só têm uma asa e por isso voam aos pares
Eis a Pomba do Espírito imaculado
Escoltada pela ave-lira e o pavão malhado
A fênix essa que na fogueira a si mesmo engendra
Por um instante a tudo vela com sua abrasadora cinza
As sereias abandonam os perigosos precipícios
Chegam cantando as três com voz formosa
E todos águia fênix e pihis da China
Com a máquina voadora comemoram

Agora por Paris solitário caminhas na multidão
Rebanhos de ônibus mugem e ao teu lado fluem
A angústia do amor te oprime a garganta
Como se tu nunca mais pudesses ter amado
Se vivesses outrora num convento entrarias
Mas encabulas se te veem rezando
Zombas de ti e teu riso crepita como o fogo do inferno
As fagulhas do teu riso douram o fundo da tua vida
És como um quadro pendurado num museu sombrio
E às vezes vai olhá-lo de perto

Hoje caminhas por Paris as mulheres estão ensanguentadas
Era e eu não queria recordar o declínio da beleza

Rodeada de fervorosas velas Nossa Senhora olhou-me em Chartres
O sangue de vosso sagrado coração inundou-me em Montmartre
Estou doente de tanto ouvir palavras bem-aventuradas
O amor de que sofro é enfermidade rara
A imagem que te invade te faz sobreviver na angústia e na insônia
E sempre junto a ti está a imagem que passa

Agora estás à beira do Mediterrâneo
Sob os limoeiros floridos durante o ano
Com os teus amigos passeias de barco
Um é de Nice outro de Menton e dois de Turbie
Olham com temor os polvos abissais
E entre as algas nadam os peixes símbolos do Salvador

Estás no jardim de um albergue nos arredores de Praga
Sentas-te muito feliz há uma rosa sobre a mesa
E tu observas em vez de escrever tua obra em prosa
O besouro que dorme no coração da rosa

Espantado te vês desenhado nas ágatas de São Vitório
Estavas mortalmente triste ao ver-te assim naquele dia
Tu pareces com Lázaro enlouquecido pela luz
As agulhas do relógio do bairro Judeu giram ao contrário
Como tu que recuas em tua vida lentamente
Subindo ao Hradsdim e pela noite ouvindo
Cantar nas cavernas as melodias tchecas

Estás em Marselha rodeado de melancias

E estás em Coblença no Hotel do Gigante

E estás em Roma sentado sob uma nespereira japonesa

Estás em Amsterdã com uma jovem que te parece bela mas é feia
Deve casar-se com um estudante em Leyde
Onde se alugam quartos em latim Cubicula locanda
Lembro-me de ter passado três dias e tantos outros em Gouda

Estás em Paris perante o Juiz de Instrução
Preso como se um delinquente fosse

Tu fizeste viagens alegres e tristes
Antes de dar-te conta da mentira e da avançada idade
Tu sofreste por amor aos vinte e aos trinta anos
Vivi como um louco e perdi o meu tempo
Já nem sequer ousas a olhar as tuas mãos
E a cada momento quisera soluçar
Por ti que amo e por tudo que te espanta

Olhas com lágrimas nos olhos esses pobres imigrantes
Creem em Deus as mulheres rezam amamentando os filhos
Com seu suor empestam a estação de Saint-Lazare
Eles confiam em sua estrela como os Reis Magos
Esperam ganhar dinheiro na Argentina
E voltar ao seu país após fazer fortuna
Uma família carrega uma colcha vermelha como vós carregais vosso coração
Essa colcha e nossos sonhos são igualmente irrealis
Alguns desses imigrantes permanecem aqui e habitam
Cortiços na Rua des Rosiers ou na Rua des Ecouffes
Com frequência os tenho visto à noite tomando um ar na rua
E raramente se movem como as peças de um xadrez
Sobretudo judeus as suas mulheres usam perucas
Permanecendo sentadas exangues no fundo de suas lojas

Estás de pé ante o toldo de um bar mal-afamado
Tomando café barato entre os desgraçados

À noite vais a um famoso restaurante

Essas mulheres não são más têm lá seus problemas
Todas até a mais feia fizeram seu amante sofrer

É a filha de um guarda municipal de Jersey

Suas mãos eu nunca vi são duras e calosas

Sinto uma piedade imensa das cicatrizes de seu ventre

Humilho agora minha boca diante do sorriso horrível da putinha

Estás sós e logo amanhecerá
Os leiteiros fazem soar suas vasilhas

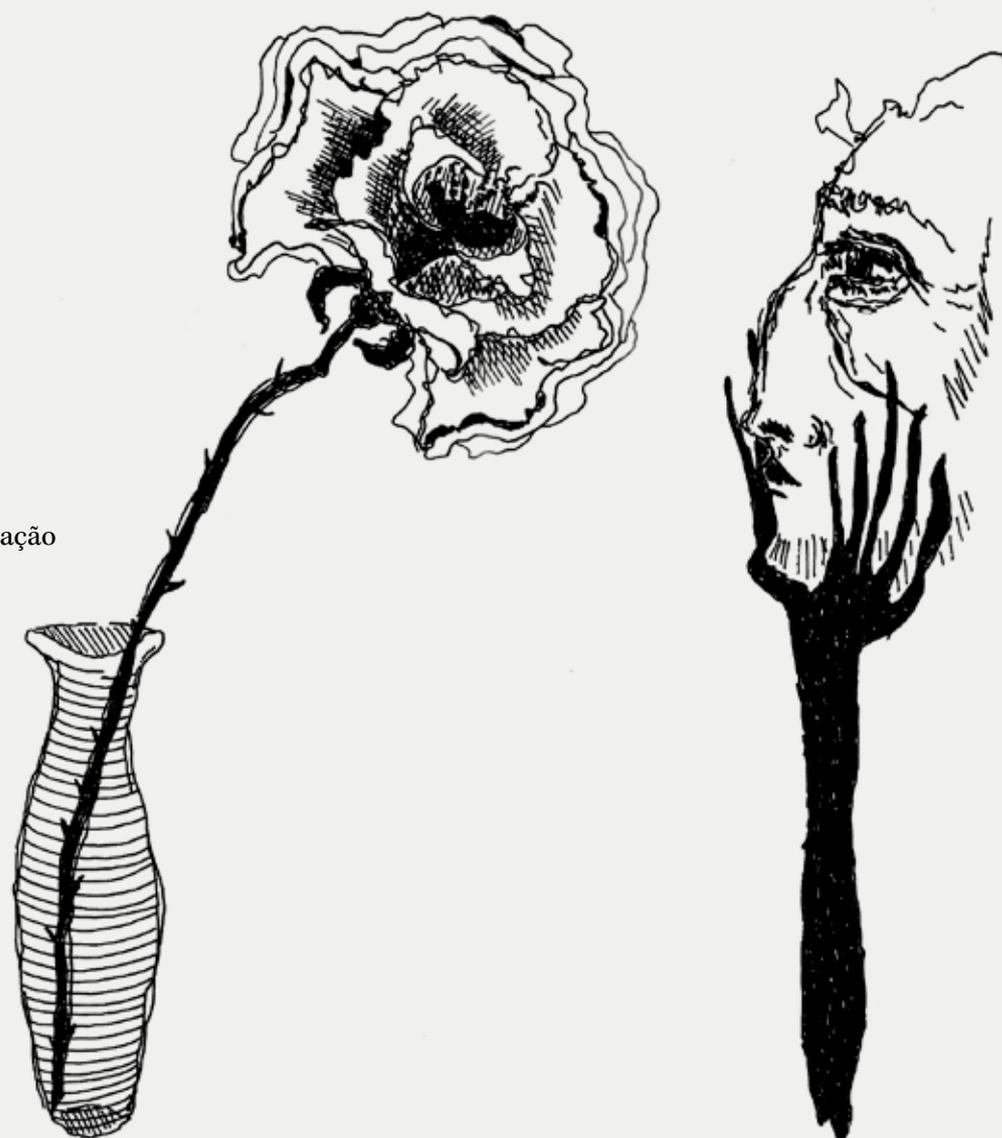
Afasta a noite como uma bela mestiça
É Ferdine a falsa ou Léa a generosa

Tu bebes esse álcool como tua vida ardente
Tua vida que bebes como cachaça

Caminhas até Auteil a tua casa queres ir a pé
Dormir entre os fetiches de Guiné e da Oceania
São Cristos de outra forma e de outras crenças
São Cristos inferiores de obscuras esperanças

Adeus Adeus

Sol decapitado.



(Péricles Prade é poeta, ficcionista e ensaísta, Florianópolis / SC)

A leste do oeste

Por Alberto Andrés Heller

Em algum ponto de nossas vidas as coisas perdem o sentido. E isso não é de todo mau. Na verdade, trata-se de uma excelente oportunidade para reavaliar nosso percurso e as confusões nas quais nos metemos. Eu, por exemplo, não sei bem como fui virar músico, já que meu sonho de infância era tornar-me escritor. Não me entendam mal: não estou arrependido; apenas não sei mais ao certo o que quero da música, o que devo (e posso) esperar dela. Enfim, faço música – logo, por analogia, sou músico. Identifiquei-me por longos anos com esse nome; hoje, entretanto, ele me causa estranheza. Vêm-me à lembrança as "Memórias de um amnésico" de Erik Satie: "todo mundo lhes dirá que não sou músico. Estão certos". Também John Cage, em "De segunda a um ano": "O que foi que, realmente, me fez escolher a música em lugar da pintura? Só porque as pessoas disseram coisas mais bonitas sobre minha música do que sobre minhas pinturas? Mas eu não tenho ouvido absoluto. Não consigo sustentar uma nota. De fato, eu não tenho talento para a música. Da última vez que a vi, Tia Phoebe disse, 'você está na profissão errada.'"

Às vezes se vai tanto a Oeste que se chega a Leste; às vezes se mergulha tanto em algo que esse algo se transforma a ponto de não mais o vermos do jeito como os outros o veem (e nos veem). No contato com a coisa, dissolve-se a imagem da coisa – e como as primeiras aproximações costumam ocorrer a partir da imagem, sua súbita ausência nos desconcerta. Como naquele conto chinês em que um pescador passa anos atrás de certa baleia, até o dia em que não mais a vê: pensa-a morta e fica desolado, sem saber que não consegue vê-la porque seu barco está sobre ela.

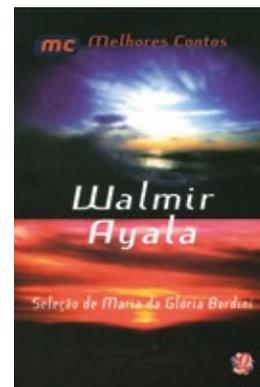
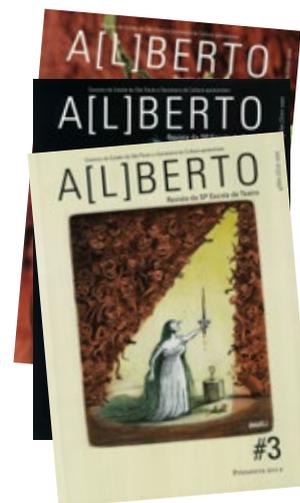
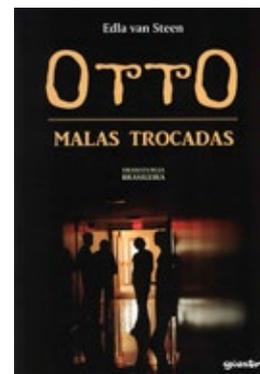
Como disse há pouco, chega um momento de nossas vidas em que as coisas perdem o sentido. Não me refiro a estarmos perdidos; sabemos perfeitamente onde estamos. Mas, ao perceber atentamente (muito atentamente) o mundo à nossa volta, identificamos um halo de loucura e de irrealidade: de repente o óbvio deixa de ser óbvio e se transforma num mistério. Antes um acorde de lá menor era simplesmente um acorde de lá menor. Agora já não sei – as notas são as de um acorde de lá menor, mas ouço ali mil relações ocultas (celestiais e infernais, possíveis e impossíveis). Sinto-me como o astrônomo que um dia olha para o céu e, em vez de detectar suas velhas e bem conhecidas constelações, sente-se interpelado por figuras enigmáticas: ele não mais é o olho que vê, agora é ele quem está sendo observado pelos astros (e será de bom tom não interferir em tão delicado momento).

Por muito tempo pensávamos saber do que falávamos (éramos cheios de certezas, dávamos aulas sobre o assunto, publicávamos teses e tratados); hoje ainda fazemos isso, mas mais por necessidade financeira e hábito que por outra coisa. Basta o silêncio de uma folha em branco para que a brancura transborde e nos inunde. E a palavra que finalmente ali escrevemos não "diz algo": ela abre – excesso, transbordamento.

Educamos filhos e alunos para que se tornem boas pessoas e bons profissionais (também nós fomos assim educados, e diligentemente chegamos "lá"). Mas nunca os preparamos para a consciência (a saber: a consciência de que tudo isso é uma grande loucura). Por sorte a vida é corrida, as contas são muitas, o tempo é escasso e o controle remoto da televisão está sempre à mão; estuda-se muito para passar na escola e no vestibular, para fazer faculdade, mestrado, doutorado, para ter um bom emprego, para ganhar dinheiro, para ser "o melhor" (afinal, a concorrência é grande e a superpopulação, uma ameaça). Sonhos. Engraçado: dizemos "sonho me tornar isso e aquilo", mas o que sonhamos ao dormir não é nada disso. Sonhamos loucuras, sonhamos disparates. A vida, como os sonhos, não cabe nos projetos. Em algum ponto do sentido nossas coisas perdem a vida.

Toco piano e o piano me toca; há música, a música toca a mim e aos outros (fazer música é ser tocado a distância). Não "faço" a música, ela é que se faz em mim e por mim, excesso que não domino (se a busca é muito mais para contatar o não eu que o eu). Lido com sons – sou músico? Escrevo estas linhas – sou escritor? Vivo minha vida – sou... o quê? Somos preparados para ser algo, não para ser. Meu permitir-me não saber o que sou é um dar-me a chance de saber o que não sou. Não sou um projeto, e para além do projeto sou uma incógnita. Saboreio, então, o vazio – e eis que ouço, ao longe, algo como uma melodia. Passou. Mas, por um brevíssimo momento, esteve ali. Presente.

(Alberto Andrés Heller é musicista, compositor e escritor, Florianópolis / SC)



Desde a década de 1980 a catarinense Edla van Steen vem traduzindo e escrevendo dramaturgia. Das inúmeras traduções destacamos as peças "Vida no teatro", de David Mamet, montagem dirigida por Francisco Medeiros e "Três Irmãs", de Tchecov, montagem dirigida por Enrique Diaz. A editora Giostro lança, dentro da coleção Dramaturgia Brasileira, as peças "Otto" e "Malas Trocadas", textos em que Edla navega entre o cômico e o trágico, o acaso e o desespero de suas personagens.

A revista de teatro A[L]BERTO, criada em 2011 pela SP Escola de Teatro, com apoio da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, já no título presta uma homenagem ao crítico, ator e diretor Alberto Guzik. Conforme Silvana Garcia, coordenadora, a publicação nasceu "como extensão de um projeto pedagógico, como uma proposta de ampliar a reflexão sobre a teoria e a prática das artes cênicas para além das salas de aula da SP Escola de Teatro".

Para o poeta Lêdo Ivo, "a aura de desamparo humano, que é o selo ficcional de Walmir Ayala, atinge o território da impiedade; seus contos são contos cruéis, como os de Villiers de L'Isle-Adam." Festejado como poeta pela crítica, a Editora Global, ao publicar a seleção de seus Melhores Contos, oferece ao público a possibilidade inequívoca de identificar que Ayala, mesmo na prosa, anda de mãos dadas com a poesia.

Com o objetivo de fortalecer a atuação dos profissionais de museus e valorizar o acervo presente nas instituições, a Fundação Catarinense de Cultura (FCC), por meio do Sistema Estadual de Museus (SEM/SC), lança a Coleção Estudos Museológicos. O primeiro volume apresenta orientações e procedimentos básicos para a conservação preventiva e a gestão

de riscos para os acervos museológicos. A publicação está sendo distribuída gratuitamente para todas as instituições museológicas, prefeituras municipais, bibliotecas e instituições de ensino. Os interessados em obtê-la devem entrar em contato pelo e-mail semsc@fcc.sc.gov.br.